

COMO EXPLICAR VARIANTES DE USO NO PORTUGUÊS? UM DESAFIO DESCRITIVO-PRESCRITIVO

Francisco Gomes de Matos
UFPE

Introdução: a variação, as variedades e os usuários

Dentre as propriedades distintivas das línguas, a variação ocupa lugar primacial. Com efeito, toda língua varia no tempo (“mudança” é o termo adequado, neste caso) e no espaço (geográfico e social). Essa enorme variabilidade ocorre graças às opções feitas pelos usuários em seus diversos papéis nos contextos em que (inter)agem. Assim, a variação é primordialmente estilística (parafraçando o magistral pensamento de Evanildo Bechara: todo usuário deveria ser um poliglota em sua própria língua), embora seja caracteristicamente identificada através de designações para variedades coletivas: supranacionais (a língua portuguesa), nacionais (Português do Brasil, Português de Portugal, etc), regionais (Português nordestino), locais (português carioca). Poder-se-ia acrescentar também variedades profissionais, mas, rigorosamente, neste caso trata-se de terminologias das especialidades. Somos usuários com enorme potencial expressivo-comunicativo, mas nem sempre nos damos conta dessa flexibilidade e como nossas opções de uso podem estar relacionadas às nossas intenções comunicativas, às situações em que nos encontramos, à modalidade de língua usada (Português falado, escrito), às nossas condições psicológicas nos atos de fala, etc.

Há 2 anos, publicamos um breve artigo no qual exemplificamos “50 pares de enunciados cujo uso no português falado do Brasil está sujeito a interpretações divergentes” (Gomes de Matos, 1976). Naquele texto, recorremos a uma escala tripartida de graus de formalidade: uso informal, uso neutro(geral) e uso formal. Um ano mais tarde, em nosso Posfácio a um dicionário de lingüística do saudoso Pai da Lingüística no Brasil (Mattoso Camara Jr., 1977), incluímos três verbetes sobre os referidos usos e um verbebo sobre “Gramática do Usuário”. Ao caracterizarmos o “uso neutro”, afirmamos que a descrição

dos usos do português oral e escrito constitui um desafio aos linguistas e aos gramáticos escolares. Fôssemos atualizar aquela afirmação, acrescentaríamos: e também aos professores autores e material didático e lexicógrafos. No caso de professores de Português, o desafio é particularmente estratégico, pois tem a ver com Programas de Formação Docente. Assim, caberia perguntar-se: Até que ponto os futuros professores de língua portuguesa (como língua materna, segunda ou estrangeira) estarão sendo preparados para dar explicações adequadas, precisas, produtivas, realistas aos alunos, sobre os usos do português falado e escrito? O que estará sendo feito, nas universidades para ajudar as novas gerações a construir um saber-explicar que contribua para uma aprendizagem eficaz?

Nossa competência explicativa, geralmente fruto de experiência em sala de aula e enriquecida pelos ensinamentos e insights de gramáticos inovadores, pressupõe, além de um bom conhecimento sobre a organização e os usos de variedades do Português (e das principais variantes lexicais, morfosintáticas, pragmáticas, de pronúncia, de grafia), um saber conceitual-terminológico abrangente e atualizado. Assim, quando nossos alunos perguntam: “Posso dizer / escrever (isso)?”, ativamos nosso repertório de “rótulos descritivos-normativos”, grande parte dos quais oriundos de obras de referência, particularmente gramáticas descritivas, normativas (como, promissoramente está ocorrendo, entre nós, gramáticas ecléticas) e dicionários e manuais de estilo. Com que rótulos de uso trabalhamos em aula? Quais deles selecionamos, por quê, com base em que princípios? Ao fazermos julgamentos sobre a (in)aceitabilidade ou (in)adequação de variantes de uso, optamos por que rótulos? Eis uma listagem desses rótulos, compilada a partir de consulta a gramáticas e dicionários brasileiros e do exterior:

USO falado, escrito: regional; informal, formal; geral; técnico; vulgar; depreciativo; humorístico; literário; corrente; arcaico; gíria; empréstimo; neologismo; (in)aceitável; (in)adequado; (in)correto; padrão; não padrão. Essa enumeração evidentemente incompleta, deve ser complementada pelos colegas. Além da listagem, conviria sistematizar os itens em categorias, segundo os critérios organizacionais subjacentes: descritivos ou normativos. Poder-se-ia, também, destacar os rótulos controversos como “uso padrão” e “não padrão” (e, lembraríamos, a designação “uso popular”, às vezes equivocadamente oposta a “uso culto”).

Diretrizes para explicador

Em seminários de Linguística Aplicada ao Ensino de Português, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE (Recife), costumamos desafiar os mestrandos/doutorandos a formularem princípios que possam ser traduzidos em diretrizes, presumivelmente orientadoras das difíceis decisões a serem tomadas por professores quando solicitados a explicarem /julgarem variantes de uso. Eis uma lista, resultante dessa interação com pós-graduandos, muitos dos quais já atuantes no magistério de língua portuguesa em estabelecimentos de ensino:

1. Explícite, em benefício dos alunos, em que conceitos-chave você irá fundamentar suas descrições/prescrições. Alunos acostumados a receber explicações com base na dicotomia “certo” ou “errado” poderão estranhar sua maneira de trabalhar a variação. No caso, uma discussão prévia sobre Variação, variedades (termo cada vez mais usado em lugar do tradicional “dialetos”), variantes, usos (observe-se que na maioria das gramáticas escolares usa-se “emprego” em vez de “uso”), usuários (direitos e responsabilidades comunicativas), funções das gramáticas, dicionários e outras obras de referência, etc.
2. Forneça aos alunos uma lista dos rótulos de uso a serem usados, principalmente na avaliação de redações. Desafie os alunos a descobrirem, em gramáticas e manuais redacionais, que designações são usadas para os usos e se as atitudes dos autores são flexíveis ou rígidas e por quê.
3. Explícite sua percepção/caracterização de “usuário(a) eficaz” da língua portuguesa e de “usuário(a) lingüisticamente esclarecido(a) e responsável”.
4. Explícite sua atitude face ao autoritarismo/prescritivismo lingüístico rígido, inflexível. Esclareça que nenhuma variedade lingüística é inerentemente mais importante do que outra e que os usuários de cada variedade devem ser tratados com respeito, à luz dos direitos humanos lingüísticos .
5. Esclareça que não se pode ignorar atitudes normativas: estas desempenham um papel importante na educação lingüística formal (escolar), mas que se deve questionar toda prescrição não embasada em amostras de uso autêntico da língua seja falada ou escrita. Em suma, explique que o prescrever pressupõe o descrever com objetividade.
6. Proponha, aos alunos, uma percepção coletiva da variação dos usos centrada no conceito de adequação relativa (em lugar da perspectiva restritiva que enfatiza a correção absoluta).

7. Faça de seu trabalho, como explicador(a), uma missão também humanizadora dos seus alunos como usuários da língua portuguesa. Lembre-se de que o ensinar a usar bem o Português é usar esse idioma para o bem, individual, interpessoal, comunitário, nacional e transnacional.

Aos interessados na aplicação de uma pedagogia humanizadora ao ensino de português, consulte-se nosso *Pedagogia da Positividade. Comunicação construtiva em Português*. Recife, Editora da UFPE, 1996.

Que as reflexões deste breve artigo suscitem um aprofundamento da problemática e que, do ponto de vista prático, resultem instrumentos mais frutíferos para a formação de professores como explicadores. Aos colegas desejosos de conhecerem como um inspirador lingüista contemporâneo trabalha o ideário sobre atitudes prescritivas de maneira sensata, recomenda-se a consulta à seção *Prescriptive attitudes*, em enciclopédia de autoria de David Crystal (1995), também conhecido por seu trabalho notável como enciclopedista e lexicógrafo.

Dicionários e gramáticas dos usos do Português do Brasil – centrados no conceito de língua como sistema de opções e possíveis efeitos de tais alternativas – estão sendo aguardados. Que os resultados dessas importantes e inovadoras investigações contribuam para que nossos professores saibam verdadeiramente honrar a língua portuguesa e transmitir esse amor a seus alunos.

Referências bibliográficas

- CRYSTAL, David (1995). *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. CUP, pp. 366-367.
- GOMES DE MATOS, F. (1976). *Usos no Português Oral do Brasil: uma Lista para Referência*, LITTERA, número 16, julho-dezembro, pp. 27-32
- MATTOSO CAMARA JR., J. (1977). *Dicionário de Lingüística e Gramática. Referente à Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1977. Cf. Posfácio (24 verbetes), de F. Gomes de Matos.
